

Salvando 130 índios das doenças dos brancos

Depois de ter sido picado por uma cobra, o índio Toipu, que aparenta ter 40 anos, não foi mais capaz de andar. Apresentava uma ferida profunda e necrosada no local da picada. Provavelmente já teria morrido não fosse a cirurgia feita na própria maloca e as doses maciças de antibióticos e vitaminas que passou a tomar nos últimos dias. Toipu é um dos últimos 130 índios de uma tribo Tupi que vive em três aldeias numa área de difícil acesso, 270 quilômetros ao Norte de Santarém, no Pará. Os médicos e enfermeiros que operaram Toipu e os remédios que ele está tomando agora chegaram de helicóptero, numa tentativa da Funai de salvar um dos últimos grupos indígenas ainda isolados do Brasil, que vivem de forma totalmente primitiva.

Contactados há seis anos — sem autorização da Funai — pela missão religiosa Novas Tribos do Brasil, ligada à entidade New Tribes, dos Estados Unidos, estes índios Tupi usam preso no lábio inferior um "toru", botoque comprido talhado em madeira clara. Eles têm assistido, espantados e eufóricos, à chegada dos helicópteros. E nem desconfiam que não é dos melhores o relacionamento entre os missionários e o sertanista Sidney Possuelo, responsável pela Coordenadoria de Índios Isolados da Funai. "O contato com estes índios era totalmente dispensável, diz o sertanista, que agora quer tirar os missionários da região e implantar um posto da Funai para dar assistência ao grupo. A aproximação feita pelos missionários, segundo Possuelo, só se justificaria com a construção da rodovia perimetral Norte. Mas a obra está parada e os índios não sofrem ameaças nesse sentido.

Possuelo se irrita com a ação dos missionários que pretendem "levar a palavra de Deus aos índios", como afirma o norte-americano Paul Nagell. Ele é um dos 15 missionários que atuam junto a este grupo que vive na região do Rio Cuminapanema. "O índio tem universo religioso que precisa ser respeitado", afirma Possuelo.

MILAGRE

O médico Marcos Antônio Guimarães, 15 anos de trabalho na Funai, encontrou os índios com algumas exceções, em bom estado de saúde, mas considera isso "um verdadeiro milagre".

"Os índios nem sequer receberam nesses anos a vacina tríplice, a BCG e a anti-sarampo. Eles podiam ter sido dizimados caso ocorresse algum surto. Índios isolados como esses não possuem anticorpos para combater doenças comuns e uma simples gripe pode assumir proporções dramáticas quando se alastra.

Guimarães critica não apenas a missão, mas também a Funai, que mesmo sabendo do contato nunca realizou uma operação de saúde na área. Para o médico, a falta de assistência da Funai a este grupo até hoje é uma "aberração".

Os missionários contam que nos contatos esporádicos com as três aldeias, que ficam a dois dias de viagem a pé da base da missão, sempre procuraram atender os índios, mas as vacinas nunca fo-

ram aplicadas por falta de condições de transporte — elas precisam ser conservadas no gelo.

Os índios já contrairam malária, não se sabe se na própria missão, onde aparecem em grupos, ou em contatos com castanheiros e garimpeiros que já começam a aparecer nas imediações da área de dois milhões de hectares que a Funai interditou em 1987.

Mas nessa primeira operação o que mais chocou a equipe médica foram seis índios mordidos de cobra — jararaca e surucucu. Na aldeia maior, onde vivem 45 índios, dois tinham feridas profundas.

Até hoje a equipe da Funai ficará na área, mas depois nada está garantido. "Se houver novas etapas de atendimento e reforço das vacinas, todo esse trabalho terá sido nulo", alerta Guimarães.

SEM BEBÊS

Na operação, a equipe de saúde confirmou um dado constatado pelo sertanista Sidney Possuelo quando visitou pela primeira vez estes índios, há menos de dois meses. Não são vistas crianças com menos de um ano e aparentemente só três mulheres estão grávidas. "Quando os índios deixam de procriar" — preocupa-se o sertanista — "estão sofrendo algum tipo de ameaça à sua sobrevivência.

Ele acredita que a tribo já foi bem mais numerosa e a missão Novas Tribos confirma que pelo menos 20 morreram desde 1987. A missão não tem uma avaliação completa desde o contato, porque só a partir de 87 o grupo começou a aparecer com maior frequência na base "Esperança", mantida pelas Novas Tribos.

Os missionários norte-americanos e brasileiros instalados na base "Esperança" acham que estão sofrendo uma injustiça com as críticas ao seu trabalho no Cuminapanema. Queremos preparar esse povo para receber a civilização em nome da palavra de Deus e isso não é agredir a cultura indígena", reage o missionário Paul Nagell. Há 12 anos, ainda nos Estados Unidos, ele largou as drogas e a vida de rebelde em Maryland e veio para o Brasil para trabalhar com os índios. "O trabalho está apenas começando, ainda não falamos de religião com os índios, pois não dominamos a sua língua" — explica. Joanne, sua mulher, conta que a missão poderá ficar ali por 20 anos, quando o índio terá absorvido esse novo deus em sua cultura.

A base tem uma pequena pista de pouso. Os alojamentos são de madeira, sem luxo; e a visita de um avião ocorre apenas uma vez por mês. O contato com Santarém é feito por rádio.

Os missionários não foram convidados a participar da operação de saúde e acompanham tensos o trabalho da Funai. "Será muito pesado para nós ter de sair daqui", desabafa Joanne. Segundo ela, "a missão não quer torcer o braço dos índios impondo uma religião". Este resultado vem aos poucos, garante, mudando alguns hábitos que os missionários consideram errados, como um índio ter mais de uma mulher.

A missão propôs recentemente convênio com a Funai, a exemplo de outros já firmados em áreas indígenas. Mas se depender do sertanista Sidney Possuelo, o convênio não será assinado. "A cláusula segunda desses contratos é bem clara e exclui a presença de missionários em áreas de índios isolados ou de contato com a sociedade nacional".

Encantados com gravadores e flashes. E sem medo dos brancos.

O helicóptero aparece na clareira, dá voltas, observa a área e finalmente desce devagar na roça de mandioca, espalhando poeira e folhas. Os índios, excitados, vão se aproximando. Fazem sinais e tentam se comunicar num dialeto difícil de ser entendido até pelo experiente sertanista João Carvalho, que conhece a língua de outros grupos tupis. Mesmo assim, algumas palavras podem ser entendidas, como "curumim", criança, "cunhã", mulher, "tipói", tipóia e "papá", fogo.

Mulheres e crianças tocam nos recém-chegados. Os homens rodeiam o helicóptero. Um índio jovem mais afoito não resiste: nu, sem arma de guerra, ele entra na cabine e fica esperando. Sua expressão é de ansiedade. Ele quer voar.

Esta cena tem se repetido nos últimos dias desde o início da operação de saúde no Cuminapanema. Nas três aldeias, separadas por algumas horas de caminhada, os ín-

dios receberam os brancos sem demonstrar receio. Na noite da última segunda-feira, houve uma festa na aldeia maior, marcando o ritmo da música com as bordunas, os homens dançaram até a madrugada, tomando uma bebi-

da. Os índios tentam sorrateiramente levar um pedaço para suas malocas. Quando conseguem, a carne é logo assada e consumida com avidez pela família.

(Agência Estado).



A caça está ficando cada vez mais difícil na maior das três aldeias dos índios Tupi.

da fermentada feita de cajá-manga. Pela manhã foram horas de vômitos, num ritual que se repete em outras tribos.

Nesse primeiro contato com um grupo mais numeroso de brancos, os índios, que são do tipo longilíneo, observaram tudo atentamente e não se inibiram diante dos flashes, filmadoras e ficaram fascinados com o gravador. Quando descobriram a voz reproduzida começaram a cantar e, com gestos, pediam para ouvir a gravação.

A partir dos sete anos os índios passam a usar um botoque ainda não encontrados em tribos já contactadas. Um pedaço de pau com um diâmetro médio de 2,5 centímetros e 20 centímetros de comprimento é introduzido no lábio inferior através de incisões de alguns centímetros. O botoque compromete a oclusão dentária e não é retirado nem durante o sono. Quando se banham nos igarapés, os índios aproveitam para limpar o adorno com areia. As incisões nas crianças custam a cicatrizar.

As malocas cobertas de palha não são fechadas e abrigam muitas famílias. As mulheres — que usam um adorno de penas brancas na cabeça e uma coroa feita de palha — fazem o beiju, com a mandioca misturada com pimenta. Na aldeia maior a caça já está difícil. Os índios precisam caminhar quilômetros para caçar. O médico da Funai, Marcos Guimarães, diz que nessa aldeia os índios têm consumido proteína em quantidade insuficiente.

A carne levada pela equipe médica precisa ser vigia-



O botoque, no lábio inferior, atrapalha.



Hábitos primitivos na vida da aldeia.